



PE. JOSÉ CORAZZA

Muris de Romagna * 27/05/1916
Campo Grande † 19/12/1996 (80 anos)

1 - Lembranças de sua infância

Pe. José Corazza nasceu no dia 27 de maio de 1916 em Muris di Romagna, província de Udine (Friull) na Itália, filho de Umberto Corazza e Santa Simonito. Teve três irmãos e uma irmã. Seus irmãos já faleceram. Sua irmã Adelaide vive em Cassano D'Adda (Milão), na Itália. Seu tio José Simonito casa-se cedo, mas não tinha filhos. Gostava muito do sobrinho José Corazza e acabou levando-o para morar com ele.

Esta adoção durou até o seu ingresso no seminário, ou seja, dos 8 aos 13 anos de idade. Sempre foi um garoto esperto. Voltando da escola, durante o inverno, gostava de brincar de guer-

ra, atirando bolas de neve em seus colegas.

Entre as lembranças de sua idade infantil, Pe. José gostava de recordar uma, por considerá-la impregnada da intervenção divina. Contava que um dia, voltando do trabalho com o tio José, ele guiava os bois que puxavam uma semeadeira. Inesperadamente, os bois se espantaram e debandaram, arrastando-o junto com a semeadeira. Quando parecia iminente uma tragédia, ele foi projetado para o alto. Reapareceu sentado no último degrau de uma escada, sem nenhum ferimento grave.

2 - O despertar vocacional e o ingresso no aspirantado

Seus tios eram católicos praticantes e moravam ao lado da igreja. Participavam da Missa todos os dias, levando consigo o sobrinho José, que era muito atuante como coroinha.

Durante este período preparou-se para a primeira eucaristia e a crisma. Ingressou como aspirante na Ação Católica. Sempre foi acompanhado de perto na formação religiosa por seus tios e pelo Pároco, o Pe. Egídio Blasutti. Um dos coroinhas, que era seu colega, decidiu ir para o aspirantado salesiano de Trento. Este gesto contagiou-o, e ele passou a insistir junto ao pároco na idéia de também ir para o seminário. O pároco apoiou nesta decisão e encaminhou-o, no dia 21 de novembro de 1929, para o Instituto Dom Bosco de Castelnuovo, que ficava muito perto da casa onde Dom Bosco nasceu. No ano seguinte foi inaugurado o aspirantado de Bagnolo, no Piemonte, e o Pe. José com os demais aspirantes foram transferidos para lá. Reinava um clima bem familiar no Aspirantado. O Diretor, Pe. Lorenzo Chiabotto, era um verdadeiro pai. O confessor era o Pe. Antônio Cometti, que tinha sido aluno do próprio Dom Bosco. Em ocasiões especiais, o confessor mostrava aos aspirantes umas nozes, que ele guardava como preciosas relíquias, pois tinham sido multiplicadas por Dom Bosco.

Respirava-se Dom Bosco por toda parte.

3 - A dimensão missionária no aspirantado e o convite para vir para Mato Grosso

O ideal de ser missionário em terras longínquas estava no horizonte e na expectativa de cada aspirante. No ano anterior, em 1933, havia partido o primeiro grupo de aspirantes para as missões de Mato Grosso. Eram adolescentes cheios de sonhos, repletos especialmente do ardor missionário, atraídos e movidos pela proposta de Dom Bosco de procurar tão-somente almas, deixando de lado todo o resto. O diário de viagem desta primeira turma de aspirantes missionários foi lido no refeitório, naquele ano. Todos seguiam com a maior atenção, saboreando cada palavra, pois sabiam que muitos dos ouvintes seriam convidados a percorrer o mesmo caminho. O mestre Sílvio Fontana, que era missionário em Mato Grosso, veio passar uns dias de férias com os parentes e os aspirantes nas montanhas, em 1934, relatando com entusiasmo o trabalho dos salesianos junto aos povos Bororo e Xavante. Em seguida, os superiores convidaram o aspirante José Corazza para ir às missões de Mato Grosso no ano seguinte. Ele acatou o convite com muita satisfação, pois, por um lado, queria ser missionário, por outro, já conhecia em parte o seu futuro campo de apostolado, através das freqüentes notícias.

4 - Viagem para o Brasil e noviciado em Cuiabá

Aproximando-se o tempo da partida para o Brasil, o grupo dos novos missionários passou um mês e meio na casa salesiana de Turim, recebendo uma vez por semana aulas de português, ministradas pelo estudante de teologia Ezio Polla, que pertencia à Inspetoria do nordeste. O assistente do grupo era o missionário em Mato Grosso Camilo Faresin, que também fora convidado pelos superiores para ser missionário. A viagem para o Brasil foi de navio e durou quinze dias. O chefe da expedição era o Pe. Guido Barra, que já tinha sido destinado e nomeado diretor para a casa salesiana de Belém-PA.

A expedição, além do Pe. Guido, era constituída por noviços, estudantes de filosofia, tirocinantes e coadjutores. O grupo era grande, pois reunia gente destinada às inspetorias de Recife, São Paulo e Mato Grosso. Em particular, quatro destinavam-se a Mato Grosso. Quando o navio se aproximou de Recife, a rádio noticiava que os missionários salesianos Pe. Fuchs e Pe. Sacilotti, tinham sido trucidados pelos índios Xavantes, no dia 1º de novembro de 1934. Todos ficaram consternados. O Pe. Ernesto Carletti foi receber o grupo no Rio de Janeiro, acompanhando-o de navio até Santos. Em seguida, foram de trem para São Paulo e hospedaram-se no Liceu Coração de Jesus. O Pe. Dell'Oca, inspetor de São Paulo, titubeou para receber os três noviços que os superiores lhe enviaram. O Pe. Carletti assumiu-os imediatamente e associou-os aos quatro recém-chegados em Mato Grosso, elevando para sete o número dos novos missionários. Associaram-se ao grupo também os estudantes de teologia de Mato Grosso, que estudavam em São Paulo, e juntos partiram de trem para Campo Grande. A viagem foi lenta e penosa. Além do calor, entrava fumaça e poeira por toda parte. De Campo Grande seguiram para Corumbá, onde passaram o primeiro Natal no Brasil. No dia primeiro de janeiro de 1935 partiram de Corumbá, sulcando as águas dos rios Paraguai e Cuiabá, aportando oito dias depois na cidade de Cuiabá. Foram direto para o seminário, onde encontraram os colegas vindos do aspirantado de Castelnuovo no ano anterior. A primeira impressão do seminário foi desoladora. Estava em péssimas condições de conservação e faltava tudo, inclusive comida, que era racionada. Mas o clima salesiano e a vivência fraterna eram ótimos. O diretor do seminário era o Pe. Luiz Sotera. O mestre dos noviços recém-chegados era o Pe. Mário Blandino, auxiliado pelo clérigo Camilo Faresin, depois bispo de Guiratinga. O noviciado correu normalmente, participando sempre nos pontificais de Dom Aquino na catedral de Cuiabá.

5 - Etapas de sua formação inicial

Em janeiro de 1936, o noviço José Corazza fez sua primeira profissão e, em seguida, iniciou os estudos de filosofia no mesmo seminário. As férias dos estudantes de filosofia eram organizadas pelo Pe. Higino Fasso, encarregado dos estudos e da disciplina. Preparavam teatros para representar em Livramento e nas missões, onde passavam a maior parte do tempo assumindo todo tipo de trabalho braçal. Nas férias de fim de ano, em 1937, transcorridas em Sangradouro, o clérigo Corazza pela primeira vez ficou gravemente doente dos olhos. Devido a isso, no ano seguinte o inspetor pediu que ele interrompesse os estudos e fosse para Cuiabá como secretário e assistente do colégio onde o Pe. Francisco Czpla era o diretor.

A função de secretário exigia, com prazos muito curtos, preencher à máquina e encaminhar inúmeros relatórios à Secretaria do Ministério da Educação. Com a limitação da visão e sem nunca ter datilografado, o clérigo Corazza teve de fazer esforço dobrado, aprendendo por si a escrever à máquina; diante desta situação, inaugurou o estilo de datilografia a dois dedos, que lhe foi característico e o acompanhou a vida inteira. Ficou dois anos e meio em Cuiabá. Em 1940 foi transferido, juntamente com seu diretor para o Liceu São Gonçalo de Cuiabá, para dar continuidade ao seu tirocínio. Em janeiro de 1941, fez a profissão perpétua em Cuiabá, seguindo no mesmo ano para São Paulo, onde iniciou os estudos de teologia no Instituto Pio XI. Foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1945, por Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba e grande ex-aluno salesiano, em Santa Ifigênia.

6 - Consolidação na vida salesiana

Passou os dois primeiros anos de sacerdócio em Tupã; em 1946 foi catequista e em 1947 foi conselheiro. Foi vice-inspetor por onze anos, escrevendo várias cartas mortuárias sempre com ótimas referências aos irmãos.

7 - Testemunho de pobreza

Nasceu de família pobre, este espírito de pobreza o acompanhou a vida inteira. A mesma mala abrigava todos os seus pertences. Não obstante isso, andava sempre limpo e bem arrumado. Seu trabalho assíduo, e por vezes sacrificado, foi de bom exemplo para todos.

8 - Exercício da autoridade

Pe. José Corazza foi vice-inspetor de três inspetores. Substituiu os titulares por vários meses seguidos. Assumiu a inspeção em momentos difíceis, mas deu provas de equilíbrio. Soube acolher, ouvir e dar tranquilidade a todos. Antes de ser superior, já era um religioso exemplar.

9 - Paternidade comprovada

Os alunos, os aspirantes, os tirocinantes que o tiveram por diretor, lhe deram o carinhoso apelido de “paizinho”. Assim disse também o orador na Missa das bodas de ouro.

10 - Profundo conhecedor das Missões Salesianas de Mato Grosso

Sem dúvida alguma, nos tempos recentes Pe. Corazza era quem tinha o maior conhecimento da história dos Salesianos em Mato Grosso, tanto em amplitude quanto em profundidade. Escreveu inúmeros artigos sobre esta temática para jornais, boletins informativos e revistas. A obra de maior relevo foi seu livro “Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso”, abrindo a coleção “Centenário”.

11 - Apóstolo zeloso e incansável

Em sua atividade pastoral, deixou-se guiar sempre pela caridade. Foi apóstolo dos jovens com coração oratoriano. Foi assistente e diretor espiritual de vários grupos. Tinha a paixão de Dom Bosco pelos jovens. Grande devoção à Virgem Auxiliadora. Enquanto a doença não o imobilizou, celebrava até três Missas aos domingos. Na última vez que me encontrei com ele foi no Liceu Coração de Jesus em São Paulo, antes de viajar à Itália.

12 - Últimos acontecimentos

No final do primeiro semestre de 1996, foi à Itália celebrar com a família a solenidade das bodas de ouro. Após os festejos, sentiu-se muito enfraquecido. Levado ao hospital para um exame, constatou-se que seu quadro clínico era crítico.

A leucemia tomara-lhe todo o organismo e revelava-se resistente e incontrolável. Ciente de sua real situação. Pe. Corazza suplicou aos superiores e aos médicos que lhe permitissem retornar para o Brasil, para consumir sua vida onde a Divina Providência o conduziu como missionário. Em setembro de 1996 ele desembarcou em Campo Grande e foi destinado para a sede da inspetoria de Mato Grosso. Embora fosse acompanhado diuturnamente por diversos especialistas, à medida que os dias foram passando, ele foi sendo vencido pela doença. Faleceu no dia 19 de dezembro de 1996, com 80 anos de idade, deixando o monumental testemunho de uma vida entregue por inteiro a Deus e aos irmãos.

13 - Conclusão

As bem-aventuranças confirmam que Deus faz feliz todo aquele que O procura com o coração sincero, que desde a juventude se entregou sem reservas. Pe. José foi feliz, porque

teve o espírito de pobre, foi manso e pacífico, soube compadecer-se dos outros e conservar a pureza do coração. Foi um missionário que soube conformar-se à estatura do salesiano, sonhada por Dom Bosco. Foi um salesiano feliz e, por onde passou, irradiou a felicidade e o otimismo. Contagiou a todos com o testemunho da sua vida.

Que ele do paraíso, onde esperamos, continue intercedendo junto a Deus e à Virgem Auxiliadora, pelos salesianos e pelo aumento e perseverança de boas e santas vocações.